



## “MÃES-FAMÍLIAS-DIFERENÇAS”: A PRODUÇÃO DE MATERNIDADES TRANS

### **Eixo Temático 25 – MULHERES E MATERNIDADES**

Sarah Branco de Menezes <sup>1</sup>  
Juliana Lapa Rizza <sup>2</sup>  
Paula Regina Costa Ribeiro <sup>3</sup>

#### **RESUMO**

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado e o objetivo é investigar as narrativas de mães de adolescentes trans, problematizando a produção de maternidades das “Mães-Famílias-Diferenças”. O solo teórico da pesquisa são os Estudos de Gênero. Tomando gênero como ferramenta analítica, entende-se que a maternidade é produzida através de discursos e práticas sociais. A metodologia do trabalho é a investigação narrativa. Realizamos cinco entrevistas narrativas com mães participantes do Projeto Famílias e Diferenças, projeto de extensão do GESE/FURG. As experiências maternas não são lineares e ao discutir maternidade como categoria em disputa e transformação, o estudo contribui para os debates de gênero, família e pluralização das experiências maternas.

**Palavras-chave:** Maternidade; Mães, Mulheres, Adolescentes Trans.

#### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho<sup>4</sup> tem como objetivo investigar as produções de maternidades de mães de adolescentes trans que integram o Projeto Famílias e Diferenças, projeto de extensão organizado pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. O referido Projeto é um espaço em que as mães ingressam e compartilham suas experiências com outras mães de sujeitos/as LGBTQIAP+ e também com as pesquisadoras. Por serem integrantes dessa pesquisa e também do projeto, nomeamos as mães como Mães-Famílias-Diferenças.

<sup>1</sup> Mestranda em Educação em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências/PPGEC da Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS, [sarahbrancodemenezes@gmail.com](mailto:sarahbrancodemenezes@gmail.com);

<sup>2</sup> Orientadora, Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências/PPGEC pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS [rizzalapajuliana@gmail.com](mailto:rizzalapajuliana@gmail.com);

<sup>3</sup> Coorientadora, Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/RS, Professora e Pesquisadora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências/PPGEC pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS, [pribeiro.furg@gmail.com](mailto:pribeiro.furg@gmail.com);

<sup>4</sup> Este estudo é um recorte de uma dissertação de mestrado, produzida no Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências/PPGEC, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS. Além disso, essa pesquisa está vinculada a um Projeto Universal, com financiamento pelo CNPq.



O trabalho está alicerçado nos Estudos de Gênero pós-estruturalistas. Por esse viés, entendemos a maternidade não como uma experiência natural e universal, mas como uma produção discursiva e cultural que é atravessada por relações de poder e normas<sup>5</sup> de gênero.

Ao pensarmos na maternidade dessas Mães-Famílias-Diferenças, é possível perceber que elas vivenciam a maternidade juntamente com a transexualidade dos/as filhos/as, rompendo com a lógica cisheteronormativa dada como padrão pela sociedade, ou seja, essas mães ressignificam o imaginário social e ideal da maternidade. Essas mães passam a ocupar uma nova posição de sujeito, onde se produzem diante de novas experiências e desafios, sendo mães de um/a adolescente trans. Nesse sentido, as Mães-Famílias-Diferenças também vivenciam esse processo de produção desses/as adolescentes, pois uma vez que reconhecem as identidades de gênero de seus/suas filhos/as trans, fazem com que haja uma ruptura no que socialmente se espera da maternidade, tensionando as normas, produzindo outras formas de viver essa maternidade.

## **METODOLOGIA**

Dentre os caminhos metodológicos possíveis, utilizamos a investigação narrativa. Para as autoras Paula Ribeiro e Dárcia Ávila (2013), o ato de contar histórias vividas traz à pesquisa um novo olhar, já que esse processo é complexo, pois ao recontar acontecimentos passados, não se trata apenas de narrar fatos, mas de revisitá-los a partir de suas experiências.

Nesse movimento de escolha pela investigação narrativa como metodologia analisamos que as histórias narradas pelas mães não apenas descrevem eventos, mas constroem sentidos sobre suas vivências. Dito isso, em outubro de 2023, as mães que integram o Projeto Famílias e Diferenças recebem um convite para participarem da pesquisa intitulada “Produção de maternidades: narrativas de mães de adolescentes trans que integram o Projeto Famílias e Diferenças”. Cinco mães aceitaram participar e, foram informadas sobre a aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CAAE:70045423.6.0000.5324) da FURG. As entrevistas foram agendadas nos dias e horários escolhidos pelas mães, ocorrendo de forma online através do Google Meet.

---

<sup>5</sup> De acordo com Michel Foucault, a norma “não é simplesmente um princípio, [...] é um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado. [...] A norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação, a uma espécie de poder normativo” (Foucault, 2001, p. 62).



Durante as entrevistas, o diálogo com as mães foi organizado em um roteiro de três blocos: o primeiro apresentava perguntas voltadas para a história do/a seu/sua filho/a trans; o segundo teve como foco a história do/a filho/a trans na escola e por fim, o terceiro foi direcionado para a história do/a filho/a trans na família. Para o trabalho focamos em uma das perguntas mobilizadoras do diálogo: “Como é ser mãe de um/a adolescente trans?”. Utilizamos nomes fictícios tanto para as mães quanto para seus/suas filhos/as trans, escolhidos por elas. A seguir apresentamos os/as sujeitos/as.

Tabela 1: Identificação das mães e de seus/suas filhos/as trans

Nome	Idade	Cor	Profissão	Religião	Escola- ridade	Filho/a	Idade	Escola do/a filho/a
Bianca	48 anos	Parda	Pedagoga	Espírita	Doutorado	Rodrigo	16 Anos	Pública
Carla	44 anos	Branca	Professora	Kardecista	Ensino Superior	Pedro	14 Anos	Privada
Lu	49 anos	Branca	Cabeleireira	Umbandista	Ensino Superior	Bruno	18 Anos	Privada
Esther	47 anos	Branca	Pedagoga	Católica mas transita em outros credos	Doutorado	Luiza	15 Anos	Privada
Sandra	44 anos	Branca	Enfermeira	Católica	Doutoran- da	Marta	18 Anos	Pública

Fonte: Autoria própria

## REFERENCIAL TEÓRICO

Ser mãe, é algo construído social, histórico e culturalmente como um destino para todas as mulheres. No entanto, a partir do campo teórico em que a pesquisa está alicerçada, entendemos a maternidade como uma construção social e discursiva, atravessada por normas de gênero e relações de poder. Em se tratando de mães de adolescentes trans, foco dessa pesquisa, não são somente os discursos normativos sobre o maternar que elas enfrentam, o enfrentamento se dá também a partir dos discursos que deslegitimam identidades de gênero dissidentes, que fogem do que é dado como padrão pela sociedade. Esses discursos, sobre os/as filhos/as dessas mães, impõem modelos para se vivenciar os gêneros, e diferentes campos de saber como a medicina e a biologia, reforçam esses discursos, dificultando assim outras possibilidades de existências.



De acordo com Judith Butler (2003), o gênero atua como uma norma reguladora que determina os modos de ser e estar no mundo. A maternidade e o gênero são categorias históricas, sujeitas a disputas e transformações. As Mães-Famílias-Diferenças constroem as suas maternidades em diálogo com as vivências de seus/suas filhos/as trans, desafiando as normas e produzindo suas maternidades diante das diversidades que as constituem. Suas narrativas expressam aprendizados, afetos e tensionamentos que ajudam a ressignificar o que é ser mãe de um/a adolescente trans. Pensando nas narrativas das mães e no processo de contar essas histórias sobre o maternar, de acordo com Jorge Larrosa (1994, p. 69), ao narrar essas experiências, “nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece” é que essas mães podem repensar o que foi vivido, ressignificando a própria maternidade. A seguir, apresentamos as narrativas das mães que emergiram a partir da pergunta mobilizadora “Como é ser mãe de um/a adolescente trans?”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao perguntarmos para as Mães-Famílias-Diferenças como elas se sentiam sendo mães de adolescentes trans, foi possível perceber que elas trazem elementos que possibilitam entender a maternidade como uma construção social e cultural, conforme vemos abaixo:

*Uma mãe que tá se cobrando bastante, tentando enfrentar essa maternidade nova que é ser mãe de um menino e buscando caminhos, que eu veja ele, independente do gênero dele, toda mãe preza por isso, um filho feliz, que se realize na vida profissionalmente, seja quem quiser ser. É essa mãe que busca trazer a alegria no rosto buscando um grande enfrentamento onde o principal pra mim, o carro chefe, é meu filho. Se tenho que passar por muitas coisas para ver meu filho feliz, vou enfrentar. Vou vencer tudo pelo meu filho. (Lu)*

*Fui transitando por vários momentos dessa maternidade e estava falando com a mãe, aconteceu uma situação com meu sobrinho e a mãe disse “onde foi que eu errei?”, como mãe da minha irmã e eu disse “não assume esse lugar de culpa porque já fiz isso”, na minha projeção de mãe eu queria ter também uma filha menina, quando a Luiza se reconhece “mãe eu sou uma menina”, fiquei pensando “será que não projetei essas expectativas nela?”. Eu disse para ela não assumir essa culpa, principalmente nós mulheres assumir uma culpa que não é nossa, as configurações familiares acontecem de diferentes formas pra crescimento nosso. Eu tava num lugar confortável e a Luiza fez desabrochar outra mulher, outra profissional, outra mãe completamente diferente. Sempre me considerei uma pessoa medrosa e tive que assumir um protagonismo, coragem por ela, por mim, isso foi me trazendo uma força que nem sabia que tinha, que a gente não faz pra proteger os filhos e quem a gente ama. (Esther)*

*Me sinto segura porque acolhi meu filho, me sinto mãezona, não deixo ninguém referenciar meu filho de forma negativa. Sou aquela mãe que procuro compreender o que está acontecendo, sempre tem o porque daquilo, porque de não deixar fazer, ou*



*tu vai fazer porque acredito em ti, pode seguir adiante que tu vai ter a tua mãe como porto seguro pra voltar se der errado. Sou aquela mãe que ensina as praticidades da vida, que tem diálogo aberto e que se sente culpada porque trabalha demais, minha culpa às vezes atrapalha porque começo a ser permissível pras coisas, essa culpa que*

*a gente tem, de carregar, de ser mulher, de ter que trabalhar, eu sou a mãe que dialoga, que é prática e culpada. (Carla)*

*Era um filho novo e todas as coisas que fui aprendendo foram me constituindo como mãe do Rodrigo, eu não podia ser a mesma mãe da Letícia, eu tinha que ser outra mãe, que entendia os processos dele. Ele deve pensar que bom que sou mãe dele, porque quantos adolescentes nascem em uma família que não aceita, diz “te endireita” como se fosse uma coisa torta. Sou muito feliz com ele, sabe quando nasce um bebê e a gente vai se conhecendo? Não conheci o Rodrigo, é um filho novo. A gente vai aprendendo junto, ele vai me dizendo o que gosta e não gosta. O que mais uma mãe quer de um filho? Que seja feliz do jeito que for. Digo “meu filho quero que tu seja feliz. Não importa se tu tá com o cabelo comprido ou curto, de calças ou de saia. (Bianca)*

*Cada dia é uma coisa nova, uma preocupação diferente e muito feliz com a pessoa que criei, com a pessoa que se mostra diferente do que imaginei, todas as dificuldades a gente tem que levar como ensinamento e ele me ensina muito. Me sinto satisfeita, preocupada, desafiada e exausta. Quando tem sentimento envolvido, ele nasceu de mim, eu projetei, é difícil falar, mas não é difícil aceitar como ele é. É uma alegria, é difícil, nem tudo são flores, a gente chora muito mas nunca chorei na frente dele, ops, dela. Não quero que ela ache que é motivo de vergonha ou sofrimento. (Sandra)*

Nas narrativas das mães percebemos que a maternidade é construída socialmente de acordo com as vivências que elas vão tendo junto com seus/suas filhos/as trans e não como uma maternidade pré-estabelecida, dada e estável (Resende, 2017). Tanto na fala da Lu quanto na da Esther, isso é evidenciado. A Lu vivencia um processo de transformação ao enfrentar essa maternidade nova, ressignificando suas experiências com seu filho trans. A Esther, por sua vez, fala sobre a projeção de expectativas, mostrando que um dia desejou ter uma filha menina. Ela também reconhece a culpabilização social das mulheres e escolhe não naturalizar esse lugar, além disso, expressa uma produção de maternidade marcada por transformação, protagonismo e luta pelos direitos da sua filha trans. A culpa é um sentimento que atravessa as experiências dessas mães, fazendo com que elas procurem um erro ou uma falta, uma justificativa (Melo, 2021). Esse sentimento de culpa é encontrado também na narrativa da Carla. Apesar de se intitular mãezona, colocando-se num lugar de porto seguro, a Carla traz em sua narrativa a culpa por trabalhar e ser mais permissiva, além da ideia de que a mulher precisa dar conta de tudo. Ela se produz em três posições de sujeito: a mãe que dialoga, a mãe que é prática e a mãe culpada, mostrando uma produção múltipla dessa maternidade nas suas práticas e relações.



A Bianca evidencia que essa experiência não é só do seu filho trans, mas também dela, reconhecendo que precisava ser outra mãe diferente da que foi para sua filha. A sua maternidade vai se produzindo e se reinventando continuamente, a partir de suas vivências pessoais junto com seu filho que se reconheceu enquanto um sujeito trans (Rezende, 2024). Ela demonstra não se importar com a lógica cisheteronormativa, pois o mais importante é que seu filho trans seja feliz. Por fim, a Sandra traz um misto de sentimentos, alternando os pronomes ao se referir à sua filha trans e afirmando que isso não é sobre falta de aceitação, mas que é uma dificuldade de verbalizar, ressignificando esses sentimentos e experiências (Santos, 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas das Mães-Famílias-Diferenças mostram que a maternidade não é uma experiência única ou natural, mas sim uma construção social e cultural que é atravessada por normas de gênero as quais estão em constante disputa. Ao viverem essa maternidade junto com seus/suas filhos/as trans, as mães ressignificam as suas experiências do ser mãe, enfrentando os discursos que marginalizam e deslegitimam as identidades de seus/suas filhos/as trans bem como suas identidades enquanto mães. Percebemos que as experiências das mães de adolescentes trans, assim como das maternidades de modo geral, são singulares, afinal existe uma pluralização de formas de maternar. Esperamos que este estudo possa contribuir para os debates sobre gênero, sexualidade e sobre as múltiplas formas de vivenciar a maternidade.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. 3 ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003. 236 p.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso Collège de France (1974 – 1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001. 479 p.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa; SEFFNER, Fernando. **Corpos que se (trans)formam**: Discutindo narrativas de transexuais. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO/SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO. 7. 5., 2017, Canoas. **Anais...** Canoas: Sadita Ltda, 2017. p. 1-12.



MELO, Ailton Dias de. **Foi ela, aquela que me deste por companheira**: problematizações sobre “a culpa da mulher”. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande/RS, 235 p. 2021.

RESENDE, Deborah Kopke. Maternidade: uma construção histórica e social. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 2, n. 4, p. 175-191, 2017. Disponível em: < <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15251/11732> > Acesso em: 27 maio 2025.

REZENDE, Alexandre Staerke Vieira de. **Família subversiva**: monoparentalidade masculina adotiva. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília, 206 p. 2024.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; ÁVILA, Dárcia Amaro. Sujeitos, histórias, experiências, trajetórias... A narrativa como metodologia na pesquisa educacional. **Pesquisas em Educação**: experimentando outros modos investigativos. Rio Grande: Editora da FURG, p. 71-78, 2013.

SANTOS, Keliene Ferreira dos. **Transexualidade, gênero e preconceito**: impasses e desafios na retificação do registro civil em Manaus, Amazonas. 2018. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 120 p. 2018.